

J O S É M E N A A B R A N T E S

KIMPA VITA  
a PROFETISA  
ARDENTE

t e a t r o



# KIMPA VITA a PROFETISA ardente

*Levada à cena pelo Elinga-Teatro, com direcção do autor, estrou em Luanda em 5 de Julho de 2007. No ano seguinte participou na Mostra Fringe do Festival de Curitiba, no Brasil, e na Mostra Internacional de Teatro de Oeiras (MITO), em Portugal. Em Julho de 2009 foi apresentada no Festival Internacional de Teatro da Língua Portuguesa (FESTLIP), no Rio de Janeiro.*

# TARI - YARI MISERICÓRDIA e PODER no reino do Congo no tempo de Kimpa Vita (1701-1709)

*Levada à cena pelo Elinga-Teatro, com direcção do autor, estreou em Luanda em 12 de Dezembro de 2014.*

Website: [www.mayambaeditora.co.ao](http://www.mayambaeditora.co.ao)  
Visite a nossa página no Facebook: Mayamba Editora

COPYRIGHT: © JOSÉ MENA ABRANTES/MAYAMBA EDITORA, 2019

Colecção: NZADI

Título: **Kimpa Vita – a profetisa ardente**

Autor: José Mena Abrantes

Editor: Arlindo Isabel

Design, Paginação e Capa: Carlos Roque

1.ª edição: Luanda, Julho 2019

Tiragem: 2000 exemplares

Mayamba Editora, Ld.<sup>a</sup>  
Condomínio Vila Rios, Rua Rio Cuango n.º 16,  
Camama Estrada Direita do Calemba 2,  
Município de Belas – Luanda-Sul  
Telefone (+244) 931930264| 918 240 318| 927 648 964| 911 564 614|912 203 008  
E-mail: [mayambaeditora@yahoo.com](mailto:mayambaeditora@yahoo.com)  
Site: [www.mayamba-editora.com/](http://www.mayamba-editora.com/)[www.mayambaeditora.co.ao](http://www.mayambaeditora.co.ao)

Impressão e acabamento: Imprimarte, Ld.<sup>a</sup>, Km 30, Viana, Luanda

Depósito legal: 8974/2019

ISBN: 978-989-761-215-2

Edição alusiva ao FESTIKONGO (5-8 de Julho de 2019)  
e em homenagem a MBANZA KONGO, PATRIMÓNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE



TODA A REPRODUÇÃO DESTA OBRA, POR FOTOCÓPIA, OFFSET, FOTOGRAFIA OU POR OUTRO QUALQUER  
PROCESSO, SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO ESCRITA DO EDITOR, TORNA-SE ILÍCITA E PASSÍVEL DE  
PROCEDIMENTO JUDICIAL.

SEJA ORIGINAL! DIGA NÃO À CÓPIA

# ÍNDICE

11	O contexto HISTÓRICO
15	<b>KIMPA VITA</b> a PROFETISA ardente
15	PERSONAGENS
17	cena 1
21	cena 2
27	cena 3
31	cena 4
35	cena 5
41	cena 6
45	cena 7
51	cena 8
55	cena 9
59	cena 10
65	cena 11
69	cena 12
75	cena 13
79	cena 14
83	<b>TARI - YARI</b> MISERICÓRDIA e PODER NO REINO DO CONGO no tempo de Kimpa Vita (1701-1709)
83	PERSONAGENS
85	cena 1
89	cena 2
93	cena 3
97	cena 4
101	cena 5

107	cena 6
113	cena 7
117	cena 8
119	cena 9
123	cena 10
127	cena 11
129	cena 12
133	cena 13
137	cena 14
139	cena 15
141	cena 16
145	cena 17
149	cena 18
153	cena 19
157	cena 20

## O CONTEXTO HISTÓRICO

QUANDO O NAVEGADOR PORTUGUÊS DIOGO CÃO chegou à foz do rio Zaire, em Abril de 1483, o Congo era um reino forte e estruturado, cuja chefia máxima cabia ao Mani Congo. Formado por grupos da etnia Bantu e abrangendo grande extensão da África centro-ocidental, compunha-se de seis estados ou províncias, com a capital em Mbanza Congo.

Depois dos primeiros contactos pacíficos estabelecidos com os portugueses, o Mani Congo enviou, em 1488, uma embaixada ao rei português, formalizando o seu desejo de se converter ao Cristianismo e deixando claro que pretendia que os dois reinos se igualassem nos costumes e na maneira de viver.

Ao ser baptizado, o Mani Congo adoptou o nome do rei de Portugal, Dom João I, mas cedo abandonaria o Cristianismo, pressionado por algumas facções da nobreza que não aceitavam a nova religião. Após a sua morte, e no termo de uma luta sucessória fratricida, ascendeu ao trono Dom Afonso I, o mais importante rei da história luso-congolesa

Durante o seu reinado, entre 1506 e 1543, Dom Afonso I expandiu as fronteiras do reino, fortaleceu a centralização do poder real, desenvolveu a capital, disseminou o Cristianismo e a educação formal e procedeu a uma intensa «ocidentalização» no plano religioso e político-institucional.

Não conseguiu, no entanto, apesar de ter enterrado viva a própria mãe por esta se recusar a tirar um antigo ídolo que tinha ao pescoço (não eram só os portugueses que tinham fé nas suas crenças!), que a nova religião erradicasse por completo

as tradições religiosas locais, do que resultou um complexo religioso original e híbrido. Com a sua morte, na segunda metade do século XVI, as relações luso-congolesas entraram em lento mas progressivo colapso, para se deteriorarem ainda mais no reinado de Dom Garcia Afonso II (1641-1663), período em que o Congo se aproximou dos holandeses que haviam ocupado Luanda. Rejeitando a pressão holandesa para abandonar o catolicismo, o rei limitou-se a trocar os padres portugueses por frades capuchinhos italianos e espanhóis.

Na disputa sucessória que se seguiu à sua morte, subiu ao trono Dom António I, rival do candidato que os portugueses procuravam impor para poderem manter o controlo do território que seria passagem para as cobiçadas minas de ouro e prata. No enfrentamento decisivo com os portugueses em Mbwila (Ambuíla, 1665), o rei e os principais candidatos ao trono foram mortos, abrindo-se assim um complicado processo sucessório.

Depois dessa batalha, Mbanza Congo (já antes rebaptizada pelos portugueses de São Salvador) caiu em ruínas e a destruturação do reino foi-se acentuando com a intensificação das guerras regionais, as rivalidades entre as remanescentes linhagens nobres, o aumento dos escravos traficados e a alteração do equilíbrio entre os poderes tradicionais.

Uma crise política de grande envergadura, por muitos considerada uma verdadeira anarquia, tomou conta do reino congolês. Entre 1665 e 1694, houve nada menos do que catorze pretendentes à coroa do reino, alguns com sucesso, outros nem tanto, e muitos deles assassinados. Em fins do século XVII, o Congo possuía três reis, dos quais o mais poderoso era Dom Pedro IV.

Foi neste contexto de crise e fragmentação que irrompeu o Antonianismo, movimento fundado por uma jovem de família nobre congoleza, Kimpa Vita, nascida em 1684 e que fora sacerdotisa («nganga») do culto de Malimba, embora tivesse

sido educada no catolicismo e baptizada com o nome de Dona Beatriz.

Kimpa Vita tinha entre 18 e 20 anos quando, depois de uma grave doença, disse ter sido possuída por Santo António. E seria como o santo incarnado (daí o nome do movimento) que Kimpa Vita pregaria às multidões do Reino do Congo, em meio à crise que o assolava, seguindo o rasto de outras profetisas que a precederam, como a Velha Mafuta.

A pregação de Kimpa Vita possuía uma forte conotação política. Ela preconizava o retorno da capital para São Salvador e a reunificação do reino, chegando mesmo a envolver-se nas lutas entre facções da época. As alianças que foi estabelecendo ancoravam-se numa cosmologia complexa e peculiar, que consistia numa «modalidade remodelada e completamente africanizada do cristianismo» (Ch. Boxer).

Apesar disso, o Deus dos antonianos continuava a ser o Deus cristão, com o qual Kimpa Vita dizia confraternizar no céu, após «morrer» todas as sextas-feiras, para «ressuscitar» no dia seguinte. Africanizando o Cristianismo, a «Santo António congoleza» dizia que Cristo nascera em São Salvador, a verdadeira Belém, e fora baptizado em Nsundi, a verdadeira Nazaré.

Afirmava, ainda, que a Virgem Santíssima era negra, filha de uma escrava, e condenava o clero oficial, sobretudo os missionários estrangeiros, que acusava de terem monopolizado a revelação e o segredo das riquezas para exclusiva vantagem dos brancos, em prejuízo dos santos negros.

O movimento antoniano rejeitou igualmente boa parte dos sacramentos católicos, como o baptismo, a confissão e o matrimónio. Kimpa Vita adoptou em seu proveito pessoal certas orações católicas, sobretudo a Salve-Rainha, e proibiu a veneração da cruz, por ter sido ela o instrumento da morte de Cristo.

Como é natural, essa pregação despertou a ira dos missionári-



os capuchinhos e das facções adversárias do Antonianismo, que lutavam pelo poder real. O próprio Dom Pedro IV, de início cauteloso e hesitante em reprimir o movimento, terminou cedendo às intrigas dos capuchinhos e ordenou, em 1709, a prisão e a queima na fogueira de Kimpa Vita, como falsa profetisa e herege do Catolicismo.

Apesar de curta duração, a acção de Kimpa Vita e do movimento antoniano deixou até hoje marcas em toda a região do antigo reino e em todos os países para onde foram levados escravos do Congo. Há referências a essa religião no Brasil, no Suriname, na Jamaica, em Barbados, no Haiti e nos próprios Estados Unidos da América (em Nova Orleães, Virgínia e Carolina do Sul).

Mais modernamente, a referência a Kimpa Vita continua viva em muitos movimentos proféticos e messiânicos, como os de Simão Kimbangu, Simão Toko ou Tata Ntuasidi Antoine Ngoko, que lançam o mesmo grito de reunificação: «Mazinga Mlolo», já utilizado por Kimpa Vita no início do século XVIII.